

## INTERFACES ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Rogério Marcelino dos Santos Melo<sup>1</sup>

Eduardo Lucas Sousa Enéas<sup>2</sup>

Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

No campo das investigações sobre a Linguagem, uma das questões mais antigas e prementes é como se dá a aquisição da linguagem pelo falante. Tal questão é ampla e profundamente discutida por estudiosos da área de Aquisição da Linguagem. Com a evolução deste campo de investigações, algumas novas questões se desenvolveram e criaram interligações com outras áreas de estudos linguísticos, como a Sociolinguística. Nesse prisma, um dos questionamentos que permeiam essa interligação é como ocorre a aquisição da variação linguística. É nessa linha de raciocínio que este trabalho se insere: seu objetivo é apresentar um panorama dos estudos em aquisição da variação linguística, com exemplos de pesquisas já realizadas. Realizamos um levantamento de textos e trabalhos realizados com o tema em questão, utilizando – pois – uma pesquisa de caráter documental. Para fundamentar nosso trabalho, apoiamos o artigo que ora se apresenta nas contribuições de Lorandi (2011, 2013), Vieira(2006); Abreu Gomes(2016) dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da Linguagem; Sociolinguística; Variação Linguística; Aquisição da Variação.

### INTRODUÇÃO

Ao investigar as diversas manifestações da Linguagem, uma questão bastante assertiva é como se dá aquisição da Linguagem pelo sujeito falante. Tal questão recebe a atenção da área de estudos da Aquisição da Linguagem, um meio investigativo bastante rico. Com a evolução deste campo de investigações, algumas novas questões se desenvolveram e criaram interligações com outras áreas de estudos linguísticos, como a Sociolinguística. Nesse prisma,

---

<sup>1</sup> Linguista. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Contato: rogeriomarcelino.letas2013@gmail.com

<sup>2</sup> Psicopedagogo. Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Contato: eduardolucas.vip@hotmail.com

<sup>3</sup> Fonoaudióloga. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pelo PEPGLAEL da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba. Contato: fbl\_fono@yahoo.com.br

um dos questionamentos que permeiam essa interligação é como ocorre a aquisição da variação linguística pela criança. Sabemos que a variação linguística ocorre em diversas escalas e pode se manifestar em função de fatores como estrato social, localização geográfica, idade, representação de gênero, contexto situacional etc.

Nas pesquisas que abrangem o fenômeno da variação linguística a consideração dos sujeitos de pesquisa geralmente ocorre com adolescentes ou adultos, excluindo, assim, as crianças do olhar sobre a variação. Entretanto, sabemos que a criança compõe parte significativa da comunidade de fala, uma vez que interage, conversa, se expressa e faz uso constante do sistema linguístico.

Em relação ao campo da Aquisição da Linguagem, a consideração dos sujeitos ocorre geralmente com crianças com o fim de observar como se desenvolve o seu sistema linguístico (fonológico, morfológico, sintático etc.). Porém, no que versa sobre as pesquisas no escopo da Aquisição da Linguagem, percebe-se que as investigações geralmente se dão com certa padronização das manifestações do sistema linguístico, perdendo de vista as variações inerentes à língua materna do sujeito infantil. Ou seja, em grande parte desses estudos, parte-se do vislumbre de características padronizadas de manifestação da língua materna.

É nesse entremeio que novas pesquisas estão se voltando para os campos que citamos anteriormente, fazendo com que ambos vislumbrem novas ideias de investigação: é o caso das pesquisas que se detêm na Aquisição da Variação linguística por parte da criança. Dessa forma, nas investigações acerca da aquisição da variação, considera-se a criança como parte contribuinte da comunidade de fala e, geralmente, busca-se entender como determinada regra dialetal ou socioletal é adquirida pela criança em idades de desenvolvimento do sistema linguístico.

Focalizando nas ponderações acima, o objetivo deste artigo é realizar uma breve amostra do que se tem investigado no cenário da interface entre a Aquisição da Linguagem e da Sociolinguística. Pretendemos expor e descrever pesquisas recentes nesse campo de interligações, com o fim de compreender que contribuições tais pesquisas fornecem para as áreas da Aquisição da Linguagem e da Sociolinguística.

Para tanto, nos apoiamos em autores e autoras como Lorandi(2011, 2013), Vieira(2006) Abreu Gomes(2016), Tomasello(2003) dentre outros que tratam das questões atinentes às áreas das quais discorreremos neste trabalho.

## A CONSTITUIÇÃO DO SISTEMA LINGUÍSTICO: A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Antes de determo-nos às ponderações sobre a aquisição da linguagem, é necessário que se diga que essa área de estudos é

(...) uma área híbrida, heterogênea e multidisciplinar. No meio do caminho entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, Cognitiva, entre outras tendências) e da Linguística. No entanto, na contramão, as questões suscitadas pela Aquisição da Linguagem, bem como os problemas metodológicos e teóricos colocados pelos próprios dados aquisicionais, têm, não raro, levado tanto a Psicologia (sobretudo a Cognitiva) como a própria Linguística a se repensarem e a se renovarem. (SCARPA, 2001, p. 205)

Assim dentro do panorama da Aquisição da Linguagem, é comum que novas formas de estudar os fenômenos de aquisição apareçam constantemente.

No que toca a questão propriamente dita da aquisição da linguagem pela criança e suas indagações ao longo do tempo, é oportuno assinalar que os estudos sobre os mecanismos em torno da aquisição tiveram um grande impulso no fim da década de 1950, tendo como seu precursor o linguista estadunidense Noam Chomsky, que se posicionou contra o pensamento bloomfieldiano, pelo qual a criança aprendia a falar através de estímulos e respostas. Chomsky, por seu turno, admite uma postura diferente no que tange à linguagem e sua aquisição: o autor considera que a linguagem é proveniente de um caráter inatista. Assim, a manifestação do sistema linguístico pela criança obedece a uma matriz biológica de criação linguística, chamada de faculdade da linguagem.

Em contraposição ao modelo inatista de Noam Chomsky, surge a abordagem do cognitivismo construtivista ou epigenético, fortemente ancorado nos estudos do epistemólogo suíço Jean Piaget. Para Piaget, o aparecimento da linguagem na criança ocorre após a superação do estágio de desenvolvimento sensório-motor – que ocorre por volta dos 18 meses de idade. É nesse estágio de desenvolvimento cognitivo que se manifesta na criança a capacidade de simbolização, na qual um significante adquire um significado e pela qual a experiência é armazenada e recuperada. É também durante essa fase de desenvolvimento que acontece a supressão do que Piaget chama de “egocentrismo radical”. Uma vez suprimido o egocentrismo radical, a criança passa a se reconhecer como sujeito cognitivamente ativo, reconhecendo – de tal maneira – o mundo externo que a cerca.

Com críticas aos trabalhos de ordem piagetiana aparecendo, os trabalhos de ordem vygostyana surgiram como forma de resposta.

Nessa linha de raciocínio surgem os trabalhos do russo Lev Vygotsky. Para Lorandi (2011, p. 148)

Esse teórico construiu sua teoria com base no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. A questão central de sua teoria é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Essa teoria, conhecida como sociointeracionista, leva em consideração não o produto da fala da criança ou de seu cuidador, mas a relação dialógica que se instaura entre os dois, em seus papéis de falante e de interlocutor.

É válido ressaltar que Vygotsky era de ordem construtivista, assim como Piaget, porém considerava que o desenvolvimento da linguagem possuía bases sociais, num jogo de construções externas que mais tarde – por volta dos dois anos de idade – seriam internalizadas e tomariam forma na representação mental. Vista pela ótica vygotskyana, a aquisição da linguagem é um processo pelo qual a criança se torna sujeito social pela linguagem, sendo atravessada pelo seu conhecimento de mundo e em contato com o outro (SCARPA, 2001).

De tal forma, a criança passa a apropriar-se de seu sistema linguístico, tendo como plano de fundo a conjuntura social e cultural a qual está inserida. É necessário fazer menção de que essa apropriação ocorre por meio de uma espécie de cognição da conjuntura social, e pode variar de sociedade para sociedade. Assim, toda e qualquer forma de interação entre criança e seus interlocutores torna-se de suma validade no desenvolvimento desse processo de apropriação do sistema linguístico.

Tomando como base a premissa das interações e trocas entre criança e seu interlocutor, citamos aqui o conceito de cena de atenção conjunta – elaborado por Michael Tomasello – como uma das formas de interação entre criança e adulto e também como instância crucial no desenvolvimento linguístico da criança. Uma cena de atenção conjunta pode ser caracterizada como um evento sociocognitivo/comunicativo em que há o direcionamento de dois agentes mutuamente para outro objeto (TOMASELLO, 2003, p. 135)

Mas é preciso tomar certo cuidado para não confundir a cena de atenção: ela só ocorre quando ambas as partes – ou melhor – ambos os agentes encontram-se em situação de interação prestando atenção simultânea no outro e no objeto envolvido no evento.

Ainda assim, Tomasello (2003) atenta para a necessidade de se conceber corretamente a cena de atenção conjunta. Para o autor, tal evento sociocognitivo/comunicativo por si só não fornece as bases necessárias para a aquisição da linguagem, ou seja, a cena de atenção conjunta fornece dados e bases interativas, mas para que a linguagem cresça é necessário dar a criança o seu lugar de sujeito agente na linguagem.

Como vimos neste tópico, a Aquisição da Linguagem é uma área deveras multidisciplinar. Dessa forma, todos os dias emergem novos estudos acerca dos fenômenos relacionados a tal área. Nesse ponto de vista, as pesquisas ancoradas na Aquisição da Linguagem podem assumir diversos caminhos e lugares dependendo da perspectiva adotada pelo pesquisador. Assim, diante do brevíssimo exposto, entendemos a aquisição da Linguagem como uma área rica e cheia de interfaces, como a que abordaremos neste trabalho: a Aquisição da Linguagem e sua interface com a Sociolinguística.

## **REFLEXÕES SOBRE O ESCOPO DA SOCIOLINGUÍSTICA**

Willian Labov visualizou, em 1963, a relação entre língua e sociedade: lançando mão de um estudo sobre o inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, EUA, o teórico faz nascer um dos campos da Linguística mais fortes da atualidade – a Sociolinguística. A perspectiva sociolinguística desenvolvida por Labov é comumente chamada de “Sociolinguística Variacionista”, “Teoria da Variação” ou, ainda, “Sociolinguística Laboviana”. A esse respeito, Cezário e Votre (2011, p.142) afirmam que essa abordagem teórica “baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece.” Um dos maiores objetivos da Sociolinguística variacionista se corrobora a partir da noção de heterogeneidade constitutiva e da intrínseca relação entre língua e sociedade.

Labov (1962) atesta que os fenômenos de variação são naturalmente essenciais às línguas naturais. Assim, conceber uma língua sem fenômenos de variação seria uma utopia, ou seja, não seria a presença da variação linguística, no âmago de uma língua natural, o fato que mereceria explicação em termos científicos, mas sim a ausência de tal fenômeno variacionista.



Dentre os muitos e importantes objetivos dos estudos Sociolinguísticos, o mais centralizado está em estabelecer a relação direta entre a heterogeneidade da manifestação linguística e a heterogeneidade do fluxo social. Ampliando esse ponto de vista, a ciência em questão enfatiza a correlação entre a diversidade do material linguístico na interação às diferenças de ordem social, geográfica e histórica, compreendendo, assim, os campos da linguagem e da sociedade como entidades bem estruturadas e regulares, dois conjuntos distintos e relacionáveis, nos quais é da Sociolinguística a tarefa de encontrar a sua intersecção.

De acordo com Bagno (2007, p. 47), considerando a concepção de heterogeneidade, a Sociolinguística confere às diversas manifestações da língua um caráter de legitimidade e afirma que **“toda língua é um feixe de variedades”** (grifo do autor). Por isso, o estudo sistemático acerca da língua, dentro destes parâmetros, deve tomar como base os diferentes usos que se faz da língua, bem como as instâncias que legitimam e motivam, por assim dizer, as escolhas dos diversos agentes que compõem, cabalmente, uma comunidade de fala.

Diante do breve exposto, consideramos que os estudos da Sociolinguística têm muito a contribuir com os estudos ancorados na Aquisição da Linguagem. É nessa linha de interligação que nosso artigo, como já mencionamos, tratará de apresentar o campo de interfaces entre a Aquisição da Linguagem e a Sociolinguística, com exemplos de trabalhos já realizados na área.

## **CENÁRIO DA INTERFACE: PESQUISAS SOBRE A AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO**

Antes de procedermos às ponderações sobre a interface entre os campos de estudos da linguagem aqui aportados, julgamos oportuno fazer algumas menções como forma de situar o leitor deste trabalho acerca do se encontrará neste tópico.

Em primeiro lugar, queremos elucidar que este artigo tem como objetivo apresentar – como uma forma de vislumbre de estado da arte – o que se tem feito nas pesquisas acerca dos mecanismos de aquisição da variação linguística. Aqui estarão expostas considerações sobre três pesquisas que se dedicaram a estudar tais mecanismos. A saber, Vieira (2006); Lorandi (2013) e Scherre e Naro (1998). Será exposto um quadro com os principais aspectos das pesquisas citadas, mostrando o que de mais relevante foi obtido nesses estudos.

Lorandi (2013) afirma que

Durante muito tempo, os estudos variacionistas dedicaram-se a investigar apenas a fala do adulto. As razões são de diferentes ordens. Primeiramente, é importante considerar que, na tradição de qualquer estudo linguístico, todo fenômeno deve ser bem descrito e estudado a partir da fala adulta porque esta revela o sistema da língua considerado “pronto”. Uma vez descrito o fenômeno ou a gramática adulta, é possível voltar-se para a fala da criança, de modo a buscar evidências da aquisição desse fenômeno ou dessa gramática, já que existe um padrão em que se basear. É como pensarmos em descrever como uma criança aprende a caminhar sem sabermos como funciona o processo de caminhar: não saberemos o que esperar da criança ou, até mesmo, o que analisar. O mesmo pode ser pensado acerca da variação linguística. Somente após um mapeamento completo do comportamento de determinada variável e de suas variantes, do estabelecimento (ou não) de uma regra variável, é que podemos buscar uma investigação sobre em que momento essa regra passa a ser adquirida pela criança e como funciona essa aquisição. (p. 138)

De acordo com as considerações acima realizadas por Lorandi (2013), vê-se que o estudo da aquisição da linguagem socialmente estruturada requer uma série de cuidados, sobretudo metodológicos, mas apresenta-se com um potencial de vertiginoso crescimento. Os estudos mais recentes em Aquisição da Linguagem, como o que acabamos de citar, por exemplo, mostram que a aquisição de regras variáveis por parte das crianças ocorre de maneira semelhante à aquisição da língua materna. Assim, entendemos que a criança percebe sua língua nas interações sociais, comunicativas etc.

De tal forma ocorre a aquisição da variação linguística: a criança, exposta num ambiente de interação social com o seu dialeto apreende sua variedade linguística e assume um papel de identidade (Socio)linguística, inserindo-se como sujeito pela linguagem.

Para Abreu Gomes (2016) “é importante observar como os valores sociais são apresentados para as crianças” em sua comunidade de fala, uma vez que o CDS (*Child Directed speech*) – fala direcionada à criança – apresenta elementos do *input* valiosos para a sinalização dos valores sociais e culturais. Vale frisar também que vários podem ser os aspectos abordados nas pesquisas de aquisição da variação linguística. Foi erigido neste trabalho que a variação linguística ocorre em níveis diversos do campo da língua, tais como morfológico, fonético-fonológico, semântico, estilístico-pragmático etc. por essa razão, ressaltamos que as pesquisas que aqui foram elencadas para apresentação são apenas um dos diversos lados do prisma da aquisição da variação.

Abaixo conferimos os estudos realizados por Vieira (2006), Lorandi (2013) e Scherre e Naro (1998) acerca da aquisição da variação. Trata-se de pesquisas que abordaram a aquisição

de regras variáveis no nível sintático da língua, mais precisamente, da aquisição de regras de concordância verbal por parte de crianças em comunidades de fala distintas.

**Quadro 1: Síntese das pesquisas de Vieira (2006), Lorandi (2013) e Scherre e Naro (1998)**

Autor/a/es	Estudo	Resultados
Vieira (2006)	A realização de verbos na 3ª pessoa do plural em 19 crianças da Amostra Arquivar/Peul/UFRJ	As crianças utilizadas como sujeitos no estudo de Vieira (2006) tinham idades entre 1;11 e 5;0. A pesquisadora elencou como variáveis a presença de marca precedente na fala do adulto, a distância da posição do sujeito em relação ao verbo e, saliência fônica do verbo e idade. A autora constatou marcas que se distanciavam do padrão estabelecido socialmente em relação à língua, com resultados tendendo sempre para formas não marcadas de apresentação e execução dos verbos.
Lorandi (2013)	A não realização de marcas de concordância verbal por parte de duas crianças de 9;1 e de 5;9, respectivamente do sexo feminino e do sexo	Os resultados da pesquisa de Lorandi (2011) mostraram que a aquisição de regras variáveis por parte de seus informantes (duas crianças com idades de 9;1



	<p>masculino, de classe média alta, residentes na cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul.</p>	<p>e 5;9) ocorreu de forma gradual. Tendo como base a fala vernacular, em situações de conforto para os sujeitos, percebeu-se que a manifestação do sistema linguístico dessas crianças obedece à mesma característica de falantes adultos.</p>
<p>Scherre e Naro (1998)</p>	<p>A realização de marcas de concordância verbal em sujeitos extraídos da Amostra Censo/PEUL/UFRJ</p>	<p>Os resultados obtidos por Scherre e Naro (1981) mostram que as variáveis dependentes como saliência fônica, oposição acentuada e não acentuada etc tem altos índices de não favorecimento dos fenômenos de concordância verbal no português brasileiro (PB).</p> <p>O estudo foi realizado com um total de 4.632 construções e atendeu também a uma série de variáveis de cunho social, como idade, sexo e nível de escolarização das crianças abordadas como sujeito.</p>

**Fonte:** Elaboração por parte dos autores

Como pudemos observar no quadro acima, a aquisição das variações linguísticas em diversas escalas e níveis por parte das crianças parece obedecer a uma gama de fatores bastante semelhante aos dos adultos. Vimos também que tais crianças se manifestam como falantes ativos em suas comunidades de fala, fazendo jus aos processos de variação e aos fenômenos marcados de diversidade linguística. As pesquisas que acima foram vislumbradas ancoram-se na investigação da aquisição de regras variáveis de concordância verbal por parte de crianças, inserindo-se em análises do nível sintático da língua.

Ao traçarmos um ponto de intersecção entre as pesquisas mencionadas acima, constatamos que as crianças utilizadas como sujeitos informantes organizam as estruturas sintáticas das sentenças de maneira bastante coerente, obedecendo aos mecanismos de organização sentencial do português brasileiro. Assim, numa exploração das estruturas das sentenças executadas pelos informantes das pesquisas citadas, percebemos que a aquisição dessas regras variáveis ocorre de acordo com os moldes – por assim dizer – da perspectiva interacionista. Nessa direção de pensamento, atestamos que a aquisição de tais regras vislumbra muito mais do que a constituição do sistema linguístico dessas crianças, mas sim as configura como membros efetivos de sua comunidade de fala e sujeitos agentes nos processos de identificação e construção de uma identidade sociolinguística.

Mais uma vez, constatamos como a aquisição da linguagem se manifesta através de mecanismos sociocognitivos, interativos, culturais etc, manifestando-se como um processo gradual e multifacetado, sendo – obviamente – de suma validade a presença de adultos em constante processo de interação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda há muito a ser feito no cenário da interface entre a Sociolinguística e a Aquisição da Linguagem. Os estudos em aquisição da variação ainda são pouquíssimos no cenário científico brasileiro e, claramente, precisamos trabalhar para avançar e obtermos os melhores e mais claros resultados possíveis. Pesquisas precisam ser feitas, com amostras transversais ou longitudinais, mas sempre aliando-se com metodologias eficazes de análise.

Obviamente, as pesquisas que aqui foram trazidas não esgotam as possibilidades de investigação dos mecanismos de aquisição da variação linguística, pois abordam somente um

dos níveis de análise linguística de falantes do português brasileiro (PB). Pesquisas de aquisição de traços fonológicos também estão em acentuada efervescência no cenário científico, pois mostram como traços fonológicos são adquiridos por crianças em contato de interação com os membros de suas comunidades de fala.

Não foi o objetivo deste trabalho realizar uma revisão acerca do que já foi feito na área em questão deste trabalho. Apenas mostrar o que está sendo pesquisado e abordar a sua importância no processo de compreensão dos estudos ancorados em ambas as áreas trazidas no seio deste artigo.

Isto posto, acreditamos que o objetivo do nosso trabalho foi atingido e esperamos que os estudos em Aquisição e Sociolinguística continuem a prosperar, a crescer e criar cenários de interfaces cada vez mais alicerçados e sólidos.

## REFERÊNCIAS

ABREU GOMES, Christina. Sociolinguística e Aquisição da Linguagem. In: MOLLICA, Maria Cecília. FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sociolinguística, Sociolinguísticas: Uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso** – por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1962].

LORANDI, Aline. **Aquisição Da Variação:** A interface entre Aquisição da Linguagem e Variação Linguística. Alfa, São Paulo, 2013. P. 133-162.

LORANDI, Aline; CRUZ, Carina Rebello; SCHERER, Ana Paula Rigatti. **Aquisição da linguagem.** Verba Volant, v. 2, nº 1. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2011.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. in: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.). **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística.** (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v.5. p.509-523.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento.** Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, Márcia Cristina Pontes. **A emergência do padrão flexional variável da 3ª pessoa do plural na aquisição do PB como L1.** Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro.